

RESENHAS

Marcellino, Néelson Carvalho.

Lazer e humanização.

Campinas, Papirus, 1983, 83 pp. (Coleção "Krisis").

Lazer e humanização é o livro de Néelson Carvalho Marcellino, que acaba de ser lançado em Campinas pela Editora Papirus, Coleção "Krisis". Leitura envolvente, polêmica em alguns momentos, fluente e penetrante. Em poucas palavras: um manifesto pela militância cultural.

De início, o autor reconceitua a idéia e a prática de lazer, definindo-o como questão de "sobrevivência do humano no homem", colocação que não deixa de ser insólita para muitos. Contrapõe, a seguir, o lazer aos valores de produtividade, instilados pela sociedade capitalista em que vivemos, reino do imediatismo e do pragmatismo, ambos anuladores de uma expressão total do ser humano.

Questiona, do mesmo modo, a lógica burocrática e determinista que se propõe a hierarquizar as ações humanas, privilegiando os patamares do "econômico" e colocando o "cultural" como mera decorrência. Se é verdade, também, argumenta Marcellino, que o lazer existe num tempo determinado, não é menos verdadeiro que eventuais soluções para os problemas do lazer devam ser soluções abrangentes, capazes de dar conta da vida social como um todo. Até porque, enfatiza o autor, não é o lazer a única fonte de realização humana.

Percebe-se, portanto, na perspectiva do autor, que o lazer não pode ser entendido senão como fenômeno socialmente situado, num determinado contexto histórico. Não surge solto, desvinculado, descompromissado com a história da vida social, especialmente das classes populares. Mais: as práticas de lazer são vistas como contraponto à lógica produtivista e às relações de dominação entre classes e países. Para o autor, as atividades de lazer podem mesmo se constituir — e aí está seu mais profundo substrato humanista — em canais possíveis de "transformação cultural e moral da sociedade", pouco importando qual seja a "ordem dominante". Educar para o lazer é, então, para Marcellino, realizar essa possibilidade, isto é "acelerar o processo de mudança para participação crítica e criativa" das camadas populares.

São formulações combativas, corajosas e claras. Nota-se no texto o rigor crítico combinado com uma paixão militante. O autor a todo instante se expõe, posicionando-se cristalinamente. E, embora recorra a referências bibliográficas, não procura nelas o abrigo confortável do renome de autores consagrados, vício comum em autores debutantes. Não diríamos que se trata de um texto para ser placidamente lido e assimilado. Ao contrário, é leitura provocante que coloca novas questões a respeito do papel do lazer na produção e na reprodução da sociedade em que vivemos e remete o leitor a um diálogo crítico, "surdo", mas palpitante. Nem sempre ameno, dificilmente passivo. Não seria essa justamente a proposta da obra e da própria coleção em que foi editada ?

Paulo de Salles Oliveira

Sociólogo, pesquisador do Centro de Estudos do Lazer do SESC.

Martins, Wilson.

História da Inteligência Brasileira (Vol. I — 1550 — 1794).

São Paulo, Editora Cultrix, 1977, 585 páginas.

1 — CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Wilson Martins nasceu em São Paulo em 1921.

Diplomou-se em Direito mas, depois de um curso de especialização literária em Paris, dedicou-se inteiramente à literatura, como professor e crítico.

Lecionou na Universidade do Paraná e é atualmente professor de literatura brasileira da New York University. Foi crítico literário de O Estado de São Paulo durante 25 anos e na sua bibliografia contam-se, além de numerosos ensaios publicados em revistas especializadas, livros de crítica, história literária, teoria política e sociologia.

2 — APRESENTAÇÃO DO TEXTO

Wilson Martins planejou apresentar um amplo e minucioso panorama — composto de sete alentados volumes — das atividades intelectuais no Brasil, do século XVI até os tempos presentes.

Realmente, a obra é ampla e rica de informações, com enfoques críticos e interpretativos da maior justeza.

A História da Inteligência Brasileira estuda as estruturas do pensamento brasileiro, em toda a sua existência e em todas as atividades em que se emprega a inteligência humana: a Literatura, a Ciência, a Filosofia, as técnicas especializadas, a Música e as artes plásticas, as instituições políticas e sociais.

Pode-se dizer que a nossa historiografia se enriquece de uma obra fundamental. Nela, Wilson Martins pôs o melhor de sua erudição e de sua cultura, impressionando pela sua incomum amplitude.

A obra adota a metodologia de estudar, simultaneamente, em seu momento próprio, as obras literárias, científicas e artísticas, os fatos exteriores que possam ter influído na orientação das idéias. A exposição é feita, ano por ano, focalizada sobre as obras e os temas, não sobre autores ou personalidades; por outro lado, as obras de Ciência, Filosofia etc. são estudadas em perspectivas de "história intelectual", não do ponto de vista especializado: buscou o autor a significação e influência, não a sua verdade ou mérito específicos.

3 — CONCLUSÃO

A obra, pelo que se pode depreender da leitura deste volume I, é de amplitude e profundidade tais que, certamente, se constitui em acontecimento ímpar na bibliografia brasileira.

Nenhum outro livro, por certo, estuda o complexo de nossa história intelectual nas perspectivas por ele adotadas ou que empregue, ainda que parcialmente, a metodologia estruturalizante por ele seguida.

No entanto, um reparo: a gritante preocupação de manifestar, a cada passo, a convicção anticlerical do autor, das mais acendradas, aliás.

Só por esse aspecto, na verdade absolutamente dispensável, peca a obra que, e por isso mesmo, decai muitas vezes para a ironia e a galhofa, circunstâncias não

condizentes com a seriedade do trabalho. Não cabe ao crítico-historiador, em obra de tal importância, externar em diatribes seus sentimentos em relação ao clero e à própria Igreja.

Em tudo o mais, a obra é digna das melhores estantes...

Nahim Pedro Kachan
Faculdade de Direito — PUCAMP

*

Ceccon, Claudius e outros.

A escola na vida e a escola da vida.

2ª ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 1982. 93 pp.

Tem esse texto por objetivo oferecer elementos que possibilitem uma reflexão crítica sobre o funcionamento da escola atual e suas possibilidades de mudança.

Os autores descrevem a escola como peça de uma engrenagem maior, colocando-a como parte integrante de uma sociedade injusta e desigual.

Falam da necessidade de se compreender como a escola está organizada por dentro, saber o que acontece com os alunos, conhecer os mecanismos que ocasionam o sucesso de alguns e o fracasso da maioria, para desse modo conseguir a formação de uma escola que leve para dentro dela as lições do povo aprendidas e ensinadas na escola da vida.

Áurea M. Guimarães
Pós-Graduação em Filosofia — PUCAMP

*

Harper, Babette e outros.

Cuidado, Escola: desigualdade, domesticação e algumas saídas.

6ª ed., São Paulo, Ed. Brasiliense, 1980, 117 pp.

Esse estudo elaborado pela equipe do Instituto de Ação Cultural (IDAC) aborda a situação da escola, hoje, no mundo capitalista.

O texto analisa os pontos principais da crise em que se encontra o sistema escolar não deixando de relacionar essa crise com o contexto histórico, social, econômico e político da sociedade.

O sistema produtivo e a escola estão intimamente relacionados e a escola com seus mecanismos de seleção e exclusão aparece como um reflexo da sociedade de produção e consumo.

O estudo descreve essa escola e caracteriza quais os valores e normas de comportamento que são transmitidos aos alunos.

Por fim são apresentadas pedagogias alternativas como possíveis saídas para o questionamento da instituição escolar, reconhecendo-se também que a mudança na sociedade é fundamental para não bloquear a construção de uma escola alternativa.

Áurea M. Guimarães
Pós-Graduação em Filosofia — PUCAMP

Deleuze, Gilles.

A Lógica do Sentido.

Editora Perspectiva, SP.

Nas primeiras nove séries da “Lógica do Sentido”, a problemática de Deleuze é o significado do sentido e da linguagem na relação existente entre as coisas, o acontecimento e o saber.

Ao centrar atenção no trabalho de Lewis Carroll, “Do outro lado do espelho”, a tentativa de Deleuze é de colocar o tema da presença dos **contrários** em tempos simultâneos, demonstrando que em todas as coisas, todos os acontecimentos, há **um sentido** determinável, e que, no entanto, há afirmação de **dois** sentidos simultaneamente.

Tomando Platão como base, a significação dos acontecimentos e das coisas tal como ele vê, compostos de duas dimensões, uma fixa, limitada e medida; e outra sem medidas, o chamado **dever-louco**, que se furta ao presente, Deleuze afirma que os acontecimentos desfrutam de uma **irrealidade** que se comunica ao saber e às pessoas através da **linguagem**.

Dá a necessidade da linguagem, a de fazer permanecer o saber sobre as coisas.

É próprio da linguagem, estabelecer limites e também ultrapassá-los no momento da determinação das coisas.

Portanto, são estabelecidos paradoxos, que se desdobram da linguagem ultrapassando estes limites.

Assim acontece com os Estóicos, e ocorre nas proposições de Lewis Carroll.

Tal é o exemplo que Deleuze dá para esclarecer sua proposta: se nos estóicos essa ultrapassagem de limites aparece assim — “se dizes uma coisa, esta coisa passa pela tua boca. Ora se dizes carroça, então uma carroça passa pela tua boca” —, em Lewis Carroll a relação entre os acontecimentos e os seres, às coisas e o estado de coisas, modifica-se de acordo com a **narrativa**.

Por exemplo, se no início, em Alice há a procura de segredos, envolta no sentido de profundidade, no decorrer da narrativa passa-se ao superficial, ao observável.

O que interessa é que entre os acontecimentos e a linguagem há uma relação essencial, que é a de **expressão**.

Além dela, há três relações na proposição:

a de designação: aquela que representa o estado de coisas, de um ou de outro corpo. A designação se constrói pela associação de palavras com imagens particulares de cada corpo. O critério da designação é o verdadeiro e o falso, sendo o primeiro, reflexo de uma imagem completa do estado de coisas de tal corpo; e o segundo, o contrário, composto de imagens incompletas;

a de manifestação: é o enunciado dos desejos que correspondem a tal proposição e que a torna possível;

a de significação: é a dimensão da proposição composta da relação da palavra com conceitos universais ou gerais;

O sentido: é a quarta dimensão da proposição. Ela expressa a proposição. É impassível e incorporeal; é apenas puro resultado, pura aparência da proposição.

Dessa forma, a definição de um acontecimento, na medida em que o acontecimento pertence à linguagem, e que o sentido é sua expressão, o acontecimento é o próprio sentido.

A obra de Carroll passa pela linguagem e se passa na linguagem.

AS ENTIDADES NOMINAIS

A utilização da linguagem para demonstração dos muitos sentidos é exemplificada em "Alice" pelo uso das entidades nominais. Por exemplo: sobre a canção do cavaleiro da Alice, há quatro nomes para a mesma canção. O nome como realidade da canção, o nome que designa essa realidade, o sentido deste nome que forma uma nova realidade, e o nome que designa essa nova realidade.

Em outras palavras: a utilização de entidades nominais tal como faz Carroll, leva à relação infinita de pares de designação, ou seja, o nome A designa uma realidade A, e que designa um nome B, que designa uma realidade B, e assim até o infinito.

Só se evita este movimento imobilizando uma proposição, dando-lhe limites e medidas às coisas e palavras.

A utilização dessa regressão serial de nomes, e da utilização de duas séries nominais para indicar a dualidade na relação entre as coisas e acontecimentos (tal como a relação dual comer-falar em Alice) foi utilizada por vários autores. O essencial é conseguir com que na colocação de duas séries de nomes, as diferenças superam as semelhanças.

Tal é a função do espelho de Alice, que ao mesmo tempo coloca palavra e coisa, sentido e designação, assegurando a convergência de duas séries distintas, porém fazendo-as sempre divergir, nunca chegar a um ponto comum.

A proposta de Deleuze ao analisar essa composição de nomes é colocar Lewis Carroll como instaurador desse método serial de literatura.

O caminho que percorre para tal é verificado nos vários passos de suas obras:

1º — coloca duas simples séries de acontecimentos com pequenas diferenças (em "Sílvia e Bruno") onde faz voltar um acontecimento sob duas maneiras.

2º — coloca duas séries de acontecimentos com grandes diferenças representada pelo espelho de Alice.

3º — coloca duas grandes séries de proposições com fortes disparidades, reguladas por uma palavra esotérica.

4º — coloca séries reguladas por palavras-valise: palavras de um novo tipo: contraem várias palavras e envolvem vários sentidos (furiante: furioso + fumante).

Sobre o acontecimento ideal e o problema:

Deleuze define o acontecimento ideal como conjunto de singularidades que caracterizam um estado de coisas físico, psicológico e moral.

Desse modo, se as singularidades são acontecimentos, suas transformações formam uma história.

Na verdade, há duas ordens de acontecimentos: os ideais e os reais e imperfeitos. Essa distinção se dá entre o acontecimento em si, e não entre espécies de acontecimento.

Ou seja, é uma diferença entre sua natureza ideal e sua atuação no espaço e no tempo, entre o acontecimento e o acidente.

Por si mesmo, o acontecimento é problemático. Nada o define como tal.

O problema, por sua vez, é determinado por pontos singulares que definem suas condições. Portanto, só se pode falar nos problemas que têm suas condições determinadas pelos acontecimentos.

As obras de Carroll trazem esse duplo aspecto entre acontecimento e problema — trata-se de um lado, de problematizar os acontecimentos humanos, e de outro, desenvolver como acontecimentos humanos as condições de um problema.

Omar de Paulo Morad

*